

Chineladas

FERNANDO PEDREIRA

Quem observa as maneiras diversas pelas quais se governam os homens, sabe que há governos dos mais diversos tipos. Há os simplesmente pedestres, mas há também os que são épicos, românticos e, até, trágicos, como acabou sendo o de Getúlio Dornelles Vargas em 1954. E há ainda os tragicômicos, como o de Jânio Quadros em 1961, para não falar dos muitos que não passam de simples literatura policial.

A variedade literária dos governos humanos, entretanto, não estava ainda completa até o advento, três anos atrás, da chamada Nova República. Faltava o governo telenovela. Um governo, como o do nosso presidente-poeta José Sarney, de tal maneira fabricado que a ele se pode sempre acrescentar mais uns tantos capítulos, de acordo com as conveniências da rede emissora.

Se o faturamento continua satisfatório, e se não há na prateleira outra novela pronta, capaz de garantir resultados melhores, o diretor convoca os autores do texto e encomenda-lhes a continuação. Trocam-se alguns dos bonecos em cena, inventa-se um novo plano econômico, o herói Toninho Malva-deza ferreteia os seus infelizes adversários, o espetáculo continua.

Como se diz na Broadway, the show must go on. No caso da telenovela brasileira, o que facilita bastante as coisas é que a emissora tem o virtual monopólio dos canais competentes. A concorrência, ao menos até onde se pode ver, parece esmagada e humilhada. Há, quando muito, produtores especializados que atingem faixas limitadas de audiência nas chamadas classes D e E (Brizola) ou em setores da esquerda: estudantes, intelectuais, sindicalistas e afins, em geral clientes do PT.

O espetáculo oficial é medíocre, repetitivo, pontuado de cenas muitas vezes degradantes e, a esta altura, parece já ter esgotado o melhor do seu repertório de truques. O que ainda lhe salva o Ibope, apesar de tudo, é que ele na verdade se compõe não de uma novela, mas de duas, entrelaçadas. Uma, a das 7, desenrola-se no Congresso Constituinte. A outra, a do horário nobre (só o horário é nobre), encena-se do outro lado da praça dos Três Poderes.

Empurrados de uma para outra, os telespectadores atrapalham-se e não chegam nunca a saber com certeza qual das duas novelas é a pior, a mais nociva à moral e aos costumes públicos. Assim confundida, a opinião pública nacional acaba na situação de uma pobre dona de casa, que tentasse em vão matar uma barata a chineladas.

Onde estará afinal a malfadada barata? Às vezes ela parece antilhar-se entre as bancadas do Congresso, e os cidadãos (mal-avisados) procuram apoiar-se no Executivo para melhor aplicar-lhe a chinelada definitiva. Mas, logo, ela ressurgue debaixo da cômoda do Sarney, e as esperanças gerais voltam-se outra vez para a vassoura da Constituinte...

O que as nossas valentes donas de casa nem sempre percebem é que as duas novelas na verdade constituem uma coisa só, uma trama única e indivisível. Se o governo Sarney não fosse tão fraco e tão desmoralizado, a Constituinte certamente não seria o que é. Por sua vez, se os congressistas em geral não se tivessem revelado tão desorientados e corruptíveis, a situação da República não teria chegado ao ponto a que chegou, e o próprio governo Sarney talvez nem sequer existisse mais (ao menos sob a sua forma atual).

Quantos capítulos mais terá a telenovela Sarney e quem irá escrevê-los? Seria sem dúvida um refresco se a direção da rede emissora convocasse para a tarefa um Gilberto Braga ou o próprio Dias Gomes, mas autores desse tipo costumam ser censurados sempre que se aventuram no escorregadio terrí-

rio da política. Na verdade, a esta altura dos acontecimentos, não há por que mudar. Os autores dos próximos capítulos continuarão a ser os mesmos que há três anos constroem habilmente a trama do espetáculo: Ulysses Guimarães e Ernesto Geisel.

Ulysses e Geisel não escrevem sozinhos. Mas eles são os timoneiros dos dois partidos, das duas grandes facções (civis e militares) que sustentam o governo Sarney e constituem a sua parda substância. O general costuma dizer: "Tirar o Sarney, agora, para botar quem no lugar dele?" Geisel teme que, havendo eleições presidenciais (se um dia ainda houver eleições presidenciais), ganhe o PMDB ou, pior ainda, ganhe o Brizola.

Nesse caso, o gordo fundo do general e dos seus amigos (Petrobrás e adjacências) poderia cair em mãos estranhas. Além de forte e riço, o general é homem prático e pragmático; a idéia de passar à oposição não lhe vem à cabeça. Na verdade, ele não é, a rigor, um chefe político; é o donatário (há quantos anos?) da mais rica e mais efetiva capitania governamental.

As razões do seu parceiro e rival Ulysses não são diferentes. Mas vale um pássaro na mão do que dois voando. Ulysses é um político que chega ao fim de uma extraordinária carreira, sem se ter nunca candidatado a governador ou, sequer, a senador. Um político eminente, mas parco de votos. Mesmo nos melhores momentos, as pesquisas de opinião nunca lhe deram mais do que dois ou três pontos percentuais, entre as expectativas de votos para a Presidência.

Hoje, ele tem razões dobradas para não querer eleições: teme uma possível derrota do PMDB, diante de Jânio, Ermírio ou Brizola, e teme, mais ainda, o efeito que a corrida presidencial teria dentro do próprio partido. As eleições presidenciais levariam inevitavelmente o controle da máquina partidária (e a liderança nacional do PMDB) para as mãos de homens como Quêrcia e Newton Cardoso, além de muito provavelmente consumarem a divisão dos peemedebistas em duas ou três facções diversas. Os paus da jangada do doutor Ulysses se separariam e não lhe restaria mais do que agarrar-se a um deles para não submergir de vez.

Eis porque é tão parda a substância do governo Sarney (e tão medíocre e esquálido o script da sua telenovela). Ainda esta semana, um desses novos líderes do sindicalismo de resultados declarou: "Por mim, se o Sarney atender às nossas reivindicações, ele pode até ficar cem anos". Essa frase, na sua cruzada, exprime a essência do pensamento político dos principais líderes políticos, autores do libreto da Nova República: enquanto o nosso estiver garantido, para que mudar? Sarney é nosso rei.

Ulysses, Ernesto Geisel, Antônio Magri, cada um cuida do seu (ou dos seus), mas, do País, quem cuida? Por quanto tempo mais (e a que terrível preço para todos nós) o Brasil agüentará um presidente fraco e desacreditado, incapaz sequer de assumir os seus próprios ministros e instituições envilecidas e desmoralizadas, como esse Congresso que agora procura recompor sua imagem a golpes de demagogia nacionalista e paternalista?

Os donos da Nova República, instalados nas suas pepineiras e nas suas mordomias, cercados de áulicos e aproveitadores, não se abalam. Parecem convencidos de que o Brasil agüenta. A Nação é tradicionalmente complacente, conformada e mansa. Mais do que isso, os donos da Nova (e da Velha) República parecem seguros de que, se a situação piorar muito e ameaçar fugir do seu controle, eles mesmos saberão patrocinar e promover a reviravolta "saneadora", o golpe austero e duro, que reporá as coisas nos seus devidos lugares.

O Brasil muda de novela, mas não muda de canal. Até que, um dia, a casa cai.